

Faltam pediatras em postos e hospitais do país

Problema afeta mais as regiões distantes dos grandes centros urbanos

Pouca experiência dos candidatos às vagas e insatisfação com os salários são causas da carência de médicos

DENISE MENCHEN
DO RIO

Pesquisas realizadas pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais) confirmam um problema enfrentado por mães e pais que procuram os serviços de saúde do país: a falta de pediatras.

A carência ocorre tanto nos postos de saúde quanto nos hospitais, afetando especialmente as localidades distantes dos grandes centros.

Na atenção primária, quase um quarto (23,1%) dos municípios brasileiros, excluídas as principais regiões metropolitanas, têm carência de pediatras, médicos da família e clínicos gerais.

O cálculo é do Núcleo de Educação em Saúde Coletiva da UFMG.

Para chegar a esse número, os pesquisadores avaliaram, em cada município, o tamanho da população e as taxas de mortalidade infantil e de domicílios pobres.

Os dados foram então confrontados com o número de

horas dedicadas pelos médicos das especialidades pesquisadas ao atendimento ambulatorial.

A situação mais grave foi encontrada no Norte e no Nordeste, mas todas as regiões registraram municípios com problemas.

Nos hospitais, que atendem também casos complexos, o problema se repete. Outra pesquisa do mesmo grupo, realizada neste ano com gestores de hospitais públicos e privados de Minas Gerais, constatou que 64,3% deles têm dificuldade para contratar pediatras.

O estudo também revelou que o tempo médio para o preenchimento de uma vaga na pediatria chega a 8,6 meses. No momento da pesquisa, quase metade (46,1%) dos gestores disseram ter algum posto vago.

Foram os piores resultados dentre as 22 especialidades pesquisadas, como anesthesiologia e cardiologia.

O pesquisador Sábado Girardi, que coordenou os estudos, diz que os números de Minas confirmam uma tendência nacional.

Em 2008, levantamento semelhante com gestores hospitalares de todo o país mostrou que 43% deles ti-

nam dificuldades de contratar pediatras.

Os principais motivos apontados foram a falta de profissionais titulados no mercado, a insatisfação com a remuneração e a falta de experiência dos candidatos.

PLANO DE CARREIRA

O presidente da SBP (Sociedade Brasileira de Pediatria) diz, porém, que o número de profissionais é adequado. Eduardo Vaz destaca que, hoje, 10% dos médicos do país são pediatras, contra 13,5% em 1996. No período, o número de filhos por família caiu e outras especialidades ganharam importância.

“Se está faltando pediatra no sistema público, e está mesmo, isso não é culpa do pediatra”, diz.

Para o presidente do Sindicato dos Médicos do Rio de Janeiro, Jorge Darze, o problema só será resolvido com uma política que fixe os profissionais ao SUS.

Ele defende a criação de uma “carreira pública” para os médicos, que incluiria, como no Judiciário, a exigência de a pessoa começar a trajetória profissional no interior. As contrapartidas seriam salário mais alto e direitos trabalhistas garantidos.

Médica trabalha em escola para aumentar renda

DO RIO

Com 30 anos de experiência, a pediatra Rosane de Lemos, 54, hoje vê metade de sua renda vir da escola de dança aberta pelas irmãs.

O envolvimento com a Petite Danse, no Rio, data de 1994, quando ela buscava uma forma de complementar o salário ganho no Hospital Municipal da Piedade.

Lemos conta que sua principal função na escola é fazer o acompanhamento médico dos alunos. “O que eu ganhava não dava para dar a vida que eu queria para meus dois filhos”, diz ela, que, com 27 anos de trabalho no Piedade, recebe R\$ 7.600.

“Muitos pediatras não trabalham em tempo integral na pediatria, senão não iam sobreviver”, diz o presidente da Sociedade Brasileira de Pediatria, Eduardo Vaz.

Segundo ele, é comum ver concursos oferecendo salários de R\$ 800 a R\$ 1.000.

Vaz destaca que os pediatras gerais não realizam exames que ajudam a engordar a renda. Por isso, defende a va-

lorização do ato médico.

“Cada consulta é uma oportunidade de avaliar o desenvolvimento da criança e evitar problemas futuros.”

Ele explica que alguns planos de saúde pagam mais pelas consultas de pediatria do que pelas de outras especialidades, para não ficar sem médicos credenciados.

“Isso está fazendo com que os pediatras voltem a atender nos consultórios.”

Regiões carentes terão mais vagas para residência

DO RIO

O Ministério da Saúde afirma que a falta de médicos em áreas remotas é um fenômeno mundial e diz seguir as orientações da OMS (Organização Mundial da Saúde) para enfrentar o problema.

Segundo a pasta, outras especialidades com carência são geriatria, saúde mental, cuidados intensivos, anestesiologia e saúde da família.

Entre os fatores que afastam profissionais do interior estão a remuneração e a concentração das vagas de residência nos grandes centros.

Médicos citam também falta de convívio com colegas, violência e dificuldade de acesso a bens e serviços.

Para atacar o problema, o ministério lançou em 2009 o programa Pró-Residência, que visa aumentar a oferta de vagas de residência médica em localidades e especialidades prioritárias para o SUS.

“Estudos mostram que a residência é um fator de fixação dos médicos. Se alguém faz residência em São Paulo, a tendência de ficar lá é alta, porque ele acaba criando uma rede social”, diz o secretário de Gestão do Trabalho e da Educação na Saúde do ministério, Francisco Campos.

Outra iniciativa é o abatimento de parte da dívida com o Fies (programa de financiamento do ensino superior) de médicos que atuem em certas regiões.

Também foi montada uma comissão para elaborar um plano de carreira para o SUS.

Campos lembra que o ministério está investindo na rede Telessaúde, que permite às equipes do programa Saúde da Família obter uma segunda opinião, de forma remota, sobre os casos com que lidam no dia a dia, diminuindo a sensação de isolamento. (DM).

ESQUECERAM DE MIM

Pediatras estão concentrados nas grandes cidades

46,1%

Dos hospitais em MG tinham postos de pediatria vagos no momento da pesquisa

Tempo médio para o preenchimento de um posto vago em MG



Hospitais com dificuldade para contratar pediatras, em %**



Principais dificuldades citadas pelos gestores, em %



23,1%

Dos municípios não metropolitanos têm escassez de médicos na atenção primária*

*Pediatras, clínicos gerais e médicos da família

**A pesquisa com os gestores hospitalares foi realizada nacionalmente apenas em 2008. Em 2010, ficou restrita a Minas Gerais, mas incluiu outros itens de avaliação, como o tempo médio para a contratação dos profissionais

Fonte: Núcleo de Educação em Saúde Coletiva da UFMG